

# Memórias de uma Ilha

**Dra. Ana Teresa Klut**

*Curadora e Directora do Centro Cultural Quinta Magnólia – Madeira*

*Prólogo ao catálogo para a exposição “Diásporas” Teresa Crawford Cabral*

*“Desde 2018 que venho criando um ciclo de pinturas que acolhe a actual Diáspora de pessoas deslocadas. Cada pintura combina fundos abstractos complexos com uma figuração muito precisa. Os elementos da narrativa são minimalistas. A atmosfera é poética e nebulosa. O fardo e a caminhada são os denominadores comuns. Quando expostos lado a lado, estes quadros evocam a ideia de uma marcha de destino incógnito.*

*Teresa Crawford Cabral”*

A caminhada da Teresa, como reminiscência, abriga o património encoberto por ser geneticamente colado a uma pessoa de um lugar, de um tempo, de uma família: a família da Teresa, a Ilha da Madeira, a Diáspora.

A sua herança intangível, de natureza efémera, torna-se altamente vulnerável porque a sua marcha é edificada sobre emoções, o que as torna mais fortes, tão fortes quantos os pigmentos do seu texto evocativo que nos desafia, tal como um enigma, a “ler “até ao fim.

Quando visita o passado, recupera os detalhes para que a sua história seja coerente. Ao evocar as imagens criadas, não recupera o passado intacto, mas uns quantos fragmentos do mesmo pois dificilmente haverá memórias objectiva.

Recuperar os seus antepassados é como fazer um puzzle: as peças estão repartidas por diversas “caixas” – de uma das caixas tira um nome, de outra, um espaço, uma data- e, com um pouco de imaginação, vai encaixando cada peça no seu lugar. Sempre que retrocede a um acontecimento, fá-lo de forma complexa, alterada por uma visão própria daquilo que as suas “caixas “contêm. Caixas emocionais, metidas em malas que carregam o peso da mundividência. Teresa Crawford pinta histórias de vida, aliciantes e verdadeiras para preservar os fragmentos, para fazer o tal puzzle de diásporas cruzadas, que empreendeu para chegar ate aqui.

Esta exposição possibilita imaginar um tempo ido, um último reduto da memória a que se pode agarrar : a terra, a paisagem, as gentes , o corpo , o gesto e todas as manifestações que a sua memoria alberga, descansam no seu registo pessoal , numa evocação diarística , quase que uma narrativa de viagens. A memória vai sendo libertada do passado, como uma epifania a cores que faz ressuscitar emoções e imaterialidades. Postas nos seus trabalhos , passam de evocações individuais a mensagens pictóricas muito fortes e cuja essência reside numa espécie de family trip , cujas raízes se encontram entre nós , aqui , na ilha , vão a outros lugares e depois voltam.

Teresa Crawford aceitou o meu convite, deu-lhe um sentido, um contexto poético, onde se vislumbra um mistério familiar de uma artista-poeta: com que linhas estranhas se cozem as vidas das pessoas numa trama intimista e confessional?

Um convite prontamente aceite. Por detrás, veio toda uma ancestralidade, um fio de Ariadne, que Teresa Crawford desenrola e revela, os segredos de muitas viagens da sua mitologia interior e do caminho que percorre em busca de si...e a sua mala desfaz-se nesta ilha de memórias seculares.

Teresa Klut

Funchal Madeira 2024